



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

DOI: <https://doi.org/10.20873.desigualdadeempauta>

### **DESIGUALDADES DE GÊNERO EM PAUTA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

### **GENDER INEQUALITIES ON THE UNIVERSITY EXTENSION AGENDA**

### **LAS DESIGUALDADES DE GÉNERO EN LA AGENDA DE LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA**

Tamires Ferreira Coêlho<sup>1</sup>  
Nealla Valentim Machado<sup>2</sup>  
Tássia Becker Alexandre<sup>3</sup>  
Andreлина Braz da Silva<sup>4</sup>  
Eduarda de Oliveira<sup>5</sup>  
Maryelle de Campos Ponce<sup>6</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é abordar experiências e experimentações constitutivas dos três anos de implantação e existência do projeto de extensão Pauta Gênero – Observatório de Comunicação e Desigualdades de Gênero, na Universidade Federal de Mato Grosso. Destacamos quatro frentes de trabalho desenvolvidas entre 2020 e 2022, além de uma discussão sobre comunicação, desigualdades de gênero e extensão universitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desigualdades de Gênero; Comunicação; Extensão; Mato Grosso.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to address the experiences and experiments

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMT, Doutora em Comunicação pela UFMG, e-mail: [tamires.coelho@ufmt.br](mailto:tamires.coelho@ufmt.br)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Comunicação da UFMT e Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO) pela UFMT, e-mail: [nealla.machado@ufmt.br](mailto:nealla.machado@ufmt.br)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, e-mail: [tassia.becker@gmail.com](mailto:tassia.becker@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante do curso de Jornalismo da UFMT, e-mail: [andrelinab.silva@gmail.com](mailto:andrelinab.silva@gmail.com)

<sup>5</sup> Estudante do curso de Jornalismo da UFMT, e-mail: [dudinha.edu.o@gmail.com](mailto:dudinha.edu.o@gmail.com)

<sup>6</sup> Estudante do curso de Jornalismo da UFMT, e-mail: [maryellecampos2204@gmail.com](mailto:maryellecampos2204@gmail.com)



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

that constituted the three years of implementation and existence of the extension project Pauta Gênero – Communication and Gender Inequality Observatory, at the Federal University of Mato Grosso. We highlight four work fronts developed between 2020 and 2022, in addition to a discussion on communication, gender inequalities and university extension.

**KEYWORDS:** Gender inequalities; Communication; Extension; Mato Grosso.

**RESUMEN:** El objetivo de este artículo es abordar las experiencias y experimentos que constituyeron los tres años de implementación y existencia del proyecto de extensión Pauta Gênero – Observatorio de Comunicación y Desigualdades de Género, en la Universidad Federal de Mato Grosso. Destacamos cuatro frentes de trabajo desarrolladas entre 2020 y 2022, además de una discusión sobre comunicación, desigualdades de género y extensión universitaria.

**PALABRAS CLAVE:** Desigualdades de género; Comunicación; Extensión; Mato Grosso.

## **ASPECTOS INTRODUTÓRIOS E CONTEXTUAIS**

O objetivo deste artigo é abordar experiências e experimentações constitutivas dos três anos de implantação e existência do projeto de extensão Pauta Gênero – Observatório de Comunicação e Desigualdades de Género, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Ele foca em atividades de observação crítica dos meios e processos comunicativos para reflexão sobre as desigualdades de gênero da sociedade em que vivemos. Interdisciplinar, integra estudantes dos cursos do Departamento de Comunicação Social (Jornalismo, Radialismo, Cinema e Audiovisual, e Publicidade e Propaganda) da UFMT, dentre outros departamentos e faculdades, e busca uma formação universitária que articule pesquisa, ensino e extensão a partir de práticas emancipatórias, questionando e aperfeiçoando as possibilidades de processos comunicativos menos excludentes, ampliando perspectivas educacionais, produzindo conteúdo acessível e se integrando a outros coletivos acadêmicos que também questionam o papel social da comunicação.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Parte-se de uma visão convergente dos conceitos de educomunicação e literacia midiática, dentre outros bastante utilizados no campo da Comunicação. Ainda que existam várias disputas terminológicas, concordamos com Pâmela Craveiro e Thiago Toledo (2022, p. 47) quando explicam que “a formação de sujeitos ativos, críticos e criativos diante das tecnologias de comunicação e informação e das mídias aproximaria as múltiplas perspectivas do campo”.

O observatório justifica sua existência, para além de aspectos científicos e de literacia midiática, por estar em um dos estados mais conservadores do Brasil, com votação expressiva para Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 e 2022<sup>7</sup>, e por seus dados alarmantes sobre índices de violência contra a mulher: foi o estado brasileiro com a maior taxa de feminicídios durante os primeiros meses da pandemia de Covid-19, de 1,72 a cada 100 mil habitantes mulheres, enquanto no restante do país essa taxa foi de 0,56 para cada 100 mil mulheres<sup>8</sup>. Além disso, possui uma assistência policial e especializada muito reduzida para mulheres em situação de violência<sup>9</sup>.

Na mídia mato-grossense é possível perceber formas de “transferência da responsabilidade e culpa do agressor [...] tanto para a vítima – que sofre a agressão –, quanto para elementos internos (em caso de doenças psicológicas) e externos

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/bolsonaro-vence-em-126-dos-41-municipios-de-mt-e-haddad-lidera-em-15.ghtml> e <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/eleicoes/2022/noticia/2022/10/30/em-mato-grosso-bolsonaro-consegue-6508percent-dos-votos-e-lula-3592percent.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2023.

<sup>8</sup> De acordo com levantamento nacional feito entre março e agosto de 2020, “Um vírus e duas guerras”. Dados disponíveis em: <https://caterinas.info/mato-grosso-e-o-estado-com-a-maior-taxa-de-femicidio-na-pandemia/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

<sup>9</sup> De acordo com dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais do IBGE, também trabalhadas no levantamento “Um vírus e duas guerras”, Mato Grosso tinha, em 2018, apenas 9 Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres para atenderem a 141 municípios, e apenas três unidades de serviços assistenciais para mulheres em situação de violência. É o 3º maior estado brasileiro em extensão territorial, com grandes distâncias entre municípios e mesorregiões, o que inviabiliza muitas vezes o deslocamento de vítimas para denúncia, bem como o atendimento de ocorrências.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

(em caso de uso de bebidas alcoólicas e demais entorpecentes)” (BRUNETTO, 2021, p. 112), sobretudo no caso de violência contra mulheres e pessoas LGBTIA+<sup>10</sup>, de forma a individualizar problemas sociais e estruturais. Ainda que Brunetto (2021) aborde a cobertura de um tradicional programa policiaisco de TV, a falta de especificidades de mulheres e outras vítimas é algo facilmente observável, já que as pautas costumam oferecer protagonismo a crimes e agressões em detrimento das pessoas afetadas por eles. Amorim (2021, p. 65), ao pesquisar sites cuiabanos, percebeu que o jornalismo digital “se pauta majoritariamente por uma representação violenta – ora LGBT+ são vítimas, ora são sujeitos criminosos”. Assim, os veículos no estado, sobretudo jornalísticos, atuam como “mais uma forma de violência” (BRUNETTO, 2021, p. 114), e concordamos com Brunetto quando afirma que “a punição, unicamente, não diminui a frequência desses casos” (2021, p. 115). Assim, o trabalho de observatórios e outros projetos pode atuar neste âmbito reflexivo e de observação midiática tão urgente.

O Pauta Gênero surge articulando pesquisa, ensino e extensão a partir de olhares interseccionais, questionando o papel social da comunicação, sobretudo em um contexto de pandemia, isolamento social e pautas aparentemente “monotemáticas” sobre a Covid-19, quando elas eram relacionadas a gênero, sexualidade, classe, racialização e outros fatores. Partindo do pressuposto de que a comunicação pode perpetuar problemas ou agenciar mudanças, pode questionar ou naturalizar processos, a criação de dispositivos e mecanismos de crítica de mídia acompanha e observa atentamente o que é dito, como é dito e sobre quem se fala (ou se silencia) (CORRÊA et al., 2018), assim como abandona a “visão assistencialista de extensão” rumo a ações dialógicas (CRAVEIRO; TOLEDO, 2022, p. 45). Para José Luiz Braga (2006), compete à academia formular boas perguntas nesse processo e se consolidar como instituição que estimula e incentiva a crítica

---

<sup>10</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais, assexuais e outras orientações sexuais e identidades de gênero que marcam a diversidade e fogem de padrões cis-heteronormativos.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

mediática, e cabe a observatórios como o Pauta esse lugar de crítica.

Neste texto, destacamos quatro frentes de trabalho desenvolvidas entre 2020 e 2022 pelo Pauta Gênero: 1) participação na equipe brasileira do GMMP - Monitoramento Global das Representações de Gênero (*Global Media Monitoring Project*); 2) produções para mídias digitais no perfil de Instagram (@pautagenero) e no blog do Observatório (hospedado inicialmente na plataforma Medium); 3) produção de conteúdos para distribuição em rádios comunitárias; e 4) promoção de oficinas direcionadas a estudantes do Ensino Médio (presencialmente) e a estudantes e profissionais de Comunicação em 2022 (remotamente).

## **COMUNICAÇÃO, DESIGUALDADES DE GÊNERO E EXTENSÃO**

As pesquisas que articulam comunicação e desigualdades de gênero vêm crescendo ao longo dos anos no Brasil. Segundo Escosteguy (2020), é possível fazer esse movimento histórico de perceber as preocupações que relacionam o conceito de gênero aos estudos comunicacionais, principalmente a partir da década de 1970, constituindo um percurso até o momento em que estaríamos vivendo atualmente, que a autora chama de “primavera feminista”. Entretanto, é importante lembrar que, em relação às representações que circulam na televisão, nas redes e na imprensa nacional, percebemos poucas mudanças significativas em relação à ruptura de padrões históricos estabelecidos quando falamos de minorias como mulheres negras ou populações LGBTIA+.

Assim, um caminho de crítica pode estar na proposição de Braga de um “Sistema de resposta social”, que seriam “atividades de resposta produtiva e direcionadora da sociedade em interação com os produtos midiáticos”, possibilidades de crítica da mídia por parte da própria sociedade em um “sistema crítico-interpretativo” (BRAGA, 2006, p. 22). Quando esse sistema se vincula à extensão universitária, articulando fortemente ensino e pesquisa, materializa-se “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012).

A extensão universitária no Pauta Gênero, sobretudo no que concerne ao protagonismo discente nas ações para debate e transformação social, abarca também a importância e a necessidade da perspectiva interseccional, tanto de um ponto de vista metodológico, quanto de justiça social (CRENSHAW, 2002; COLLINS, 2017). A participação de discentes é propositiva, há foco naquilo que entendem que seja problemático na mídia e em como pensar possibilidades de transformação. As análises abrangem um olhar cuidadoso sobre indícios de discursos racistas e misóginos da sociedade brasileira, visibilizando inclusive as sutilezas das violências nos discursos da mídia.

Violências de gênero são estruturais e configuram os espaços em que vivemos, afetando também os meios de comunicação, atravessadas a outras violências. Escosteguy (2020) explica que os estudos que interseccionam raça, classe e gênero quase não aparecem na pesquisa brasileira do século XX, são escassos até os anos 2010 e conseguem mais visibilidade neste momento “primaveril”, pois o movimento feminista negro ganha reconhecimento e relevância ao longo dos anos (com muitas lutas e reivindicações) e isso impacta universidades, pesquisas e projetos de extensão. A autora cita ainda a lei de cotas<sup>11</sup> como uma política imprescindível para que esses assuntos ganhem maior relevância na universidade, até mesmo por viabilizarem o ingresso de estudantes pretas e pardas. Outro ponto ressaltado por Escosteguy é o aumento do número de mulheres negras nas pós-graduações<sup>12</sup> do país, significativo nos últimos anos, mesmo que seja ainda

---

<sup>11</sup> Dados sobre a política disponíveis em: <https://www.andifes.org.br/?p=93929#:~:text=A%20Lei%20de%20Cotas%20estabelece,defici%C3%AAncia%20distribu%C3%ADdas%20conforme%20a%20propor%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 25 mar. 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/cientistas-negras-sao-as-mais-afetadas-na-atividade-academica-durante-a-pandemia/> . Acesso em: 25 mar. 2023.

pequeno.

O último relatório do Datafolha, feito a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, “Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil”<sup>13</sup>, mostra que todos os tipos de violências contra mulheres aumentaram em 2022: diariamente, mais de 50 mil mulheres sofreram alguma violência no Brasil em 2022 e houve piora significativa em todos os tipos de violência contra as mulheres, desde insultos, humilhações e xingamentos, até as violências sexuais e físicas, como tiros, agressões e esfaqueamentos. O relatório também explicita que a violência contra a mulher no Brasil tem gênero, raça, idade e classe social, pois a maioria das vítimas é de mulheres negras, com baixo grau de escolaridade, com filhos e divorciadas, entre 25 e 34 anos.

Nesse sentido, Moraes (2022) disserta sobre a possibilidade de um fazer jornalístico que abrace a subjetividade, tanto do jornalista, quanto das fontes que auxiliam na produção do jornalismo. Para a autora, jornalistas têm, por obrigação, de se reconhecer como agentes sociais e históricos, o que no Brasil significa compreender os processos de colonização e escravização de populações negras e indígenas, para evitar a reprodução de saberes descorporificados e desracializados, enquanto escrevem matérias e produzem pautas que sustentam desigualdades. Entendendo o lugar do jornalismo como espaço poderoso para repensar discursividades e para produzir novas visibilidades, a extensão universitária pode ser um espaço reflexivo, de uma produção que foge dessas posturas falsamente “neutras”, ainda difundidas em currículos universitários e manuais de redação, e que possibilita uma reflexão crítica sobre os processos midiáticos.

Niara de Oliveira e Vanessa Rodrigues (2021) apontam a necessidade de visibilizar múltiplas histórias, principalmente perante uma sociedade onde a “palavra

---

13

Disponível

em:

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-d-e-mulheres-no-brasil-3a-edicao-datafolha-fbsp-2021/>. Acesso em: 25 mar. 2023.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

de mulher” vale muito pouco. As autoras, assim como pesquisas e levantamentos, apontam como o feminicídio é endêmico no Brasil, uma situação que precisa ser compreendida pela mídia como tal, em vez de isolada ou individualizada. Dentro de todas as perspectivas apresentadas, a extensão universitária pode ser um espaço de transformação social.

### **MONITORAMENTO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA**

Em termos metodológicos, nas reuniões semanais do Pauta Gênero durante os primeiros três anos de atividade, houve discussão de textos sobre crítica de mídia, desigualdade de gênero e seus impactos nos processos comunicativos. Inicialmente, os encontros foram virtuais, já que o observatório nasceu no contexto de pandemia e isolamento social, e passaram a ser presenciais no primeiro semestre de 2022. Testamos e usamos metodologias de monitoramento a partir de experiências de outros observatórios universitários, mescladas às perspectivas de análise qualitativa da metodologia proposta pelo GMMP (WACC, 2020a), já adaptada ao contexto de Mato Grosso e cabível ao trabalho remoto.

Também foram feitas reuniões de pauta para decisão quanto à produção de conteúdo sobre desigualdade de gênero e comunicação, tendo em vista a definição dos temas a serem analisados e dos conceitos a serem abordados no blog e no Instagram. Foram elaboradas ações de intervenção junto à sociedade e de fomento a eventos e espaços de reflexão (rodas de conversa e debates virtuais etc.) sobre a relação entre comunicação e desigualdade de gênero, conforme as possibilidades e recomendações da Organização Mundial de Saúde para prevenção de Covid-19. Integram o projeto, desde 2020, docentes, estudantes de graduação e pós-graduação com matrícula regular na UFMT, estudantes de outras instituições e pessoas da sociedade civil que manifestam interesse e se inscreveram nos processos seletivos.

Vale destacar que o Observatório Pauta Gênero construiu pontes com



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

disciplinas curriculares do curso de Jornalismo: Teoria Política, Assessoria de Comunicação, Teorias da Comunicação, Produção e Difusão em Audiojornalismo e Jornalismo em Mídias Digitais. Além disso, o projeto de extensão originou e ainda se articula fortemente com o projeto de pesquisa “Comunicação, Gênero e Mídia: representações, construções discursivas e possibilidades cidadãs”<sup>14</sup>, em andamento desde 2021, bem como se vincula temática e institucionalmente com orientações de trabalhos de conclusão de curso, como os de Liz Brunetto (2021), intitulado “Uma morte anunciada: a violência contra a mulher na tela do Cadeia Neles”, e de Thays Amorim (2021), “A construção noticiosa da população LGBTQ+ no jornalismo digital Cuiabano”; de dissertações de Mestrado, como “Culpadas ou vítimas? Representações em sites mato-grossenses sobre mulheres que sofrem violência de gênero” (em desenvolvimento por Nara Assis); e de projetos de iniciação científica concluídos<sup>15</sup>, como “A representação feminina no telejornalismo brasileiro: uma pesquisa sobre as reportagens da pandemia de Covid-19 no Fantástico” (de Giordano Tomaselli) e “Neopopulismo e protagonismo político feminino: construção e representação de mulheres do governo Bolsonaro no jornalismo brasileiro” (de Maryelle Campos).

## **MONITORAMENTO GLOBAL DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO**

O Pauta Gênero atuou em 2020 como a equipe representante do Centro-Oeste brasileiro do GMMP, principal monitoramento de mídia e gênero feito no mundo, e houve uma adaptação posterior da metodologia para testar pesquisas em meios de Comunicação de Cuiabá, capital de Mato Grosso. A coleta oficial foi realizada dia 19 de setembro, e a codificação dos dados foi feita até 15 de outubro de 2020. O Pauta Gênero monitorou o Jornal impresso Folha de S. Paulo, o

---

<sup>14</sup> Sob coordenação da prof<sup>a</sup> Tamires Coêlho e com participação de membros do Pauta Gênero no projeto.

<sup>15</sup> Ambos financiados pelo CNPq.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

noticiário televisivo Jornal da Record e o Twitter da Folha (@folha). Os dados foram cruzados e contabilizados para o mapeamento internacional. Além da visibilidade do Observatório e da UFMT junto à comunidade internacional, conseguimos visibilizar positivamente a participação no GMMP através do envio e publicação de releases em vários sites noticiosos de Mato Grosso. Em 2021, houve participação do Pauta Gênero no lançamento dos resultados do Relatório no Brasil<sup>16</sup>.

Acontecimentos importantes foram pautados na produção de análises (disponibilizadas no blog do observatório), além de outros assuntos considerados relevantes serem tematizados em nossas redes sociais, como a visibilidade de produtos midiáticos e/ou pessoas que proponham um olhar crítico sobre desigualdades em diversos níveis. Observar, monitorar e analisar criticamente processos comunicacionais, sobretudo dos jornalismo contemporâneos, a partir de uma perspectiva ética e de identificação de desigualdades de gênero, levou a discussões sobre interseccionalidade (CRENSHAW, 2002; COLLINS, 2017) e à necessidade de implementação de mais dispositivos de crítica de mídia para alcançar representações mais diversas, compreendendo processos de genderização e racialização nos ecossistemas midiáticos cuiabano, mato-grossense e brasileiro.

Passamos a explorar potencialidades e limitações metodológicas na codificação e tabulação do GMMP 2020 (WACC, 2020b). Partimos do pressuposto de que a metodologia ainda alcança majoritariamente e/ou de forma naturalizada uma representação de gênero de origem branca, do Norte Global, a partir do que se destaca no cerne da metodologia proposta. Não há como mapear características étnicas, raciais de forma ampla. Não há como pensar essa interseccionalidade, em termos globais, quando perguntas pautadas pela interseccionalidade de gênero junto a categorias como raça e classe estão restritas à escolha/sugestão das equipes, que

---

<sup>16</sup> Os resultados foram apresentados em três mesas, no pré-evento FZDZ Gênero na ECA 2021, disponível na playlist <https://www.youtube.com/playlist?list=PLvczGKT7m6IKz3Czk8sHXIWUkWufcT0kM>. Acesso em: 28 mar. 2023.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

foi a forma de abordagem no ano supracitado.

A metodologia do GMMP é um instrumento potente para o avanço das pesquisas colaborativas no campo da Comunicação. No caso do levantamento dos meios de comunicação em 2020, foi possível registrar vestígios de como o jornalismo brasileiro (sobretudo aquele considerado “de referência”) se porta diante de questões de gênero. Essa mesma metodologia também pode ser adaptada para outros fenômenos comunicacionais e coberturas, além de poder ser aperfeiçoada para captar melhor a combinação de marcadores sociais a partir de uma lente interseccional.

Connel (2016) aponta que as análises de gênero precisam ser compreendidas como parte da economia global de conhecimento e, por isso, estão em recorrente disputa de poder. Ainda de acordo com a autora, enquanto as metrópoles de conhecimento (Norte Global) realizam as publicações e recebem visibilidade enquanto “produtoras de conhecimento”, as periferias globais se estabelecem como “exportadoras de dados”, e não alcançam o reconhecimento pelo conhecimento (inclusive jornalístico) produzido.

A metodologia do GMMP foi pensada para ser aplicada em contexto global, com algumas poucas adaptações direcionadas para cada país, mas baseando-se sobretudo em questões vistas como “internacionais”, pautadas por uma racionalidade típica do Norte Global, sem pensar em problemas transnacionais (como racialização, xenofobia, pessoas refugiadas) que afetam o mundo inteiro como um eixo central para abordar gênero. O próprio relatório (WACC, 2020a) admite a imensidão de nosso país e o quanto esse contexto social influencia as percepções acerca do trabalho da mídia brasileira.

Durante o monitoramento, por exemplo, foi possível perceber que o status social ou a filiação profissional das mulheres podem ser decisivos para que elas apareçam citadas direta ou indiretamente nas notícias. Há indícios observáveis de



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

que mulheres com colocação no mercado de trabalho aparecem mais que donas de casa, por exemplo, cujo trabalho não é remunerado. Aquelas que ocupam cargos políticos também tendem a aparecer mais que as que estão em outras ocupações. Ao mesmo tempo, não há um tópico que abarque adequadamente, no guia do GMMP, violências como a violência política de gênero e o assédio moral, tão frequentes em nosso contexto.

Acreditamos que uma perspectiva que considere a realidade brasileira tenha que reconhecer as profundas desigualdades sociais e, principalmente, raciais que estão estabelecidas. De acordo com Gonzalez (2020), distinções e injustiças atravessam todo o território latino-americano e, por isso, a autora nos convoca a construir um feminismo afro-latino-americano, destacando a importância de se pensar esse conceito. É interessante destacar o quanto a interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021) poderia auxiliar no aprimoramento dessa metodologia global.

Diante do contexto jornalístico precarizado e cujos problemas se acentuaram com a pandemia, também constatamos que é importante gerar mecanismos que ajudem a perceber se há vestígios de material proveniente de assessorias nas notícias. É possível que mulheres amparadas por assessorias de imprensa, e haveria aí um recorte de status social e de classe, tendam a aparecer mais que outras que não possuem acesso a esse tipo de serviço.

## **GÊNERO EM PAUTA NO INSTAGRAM E NO BLOG**

As ações de monitoramento e de educomunicação, desde 2020, trazem destaque para a apropriação de redes sociais digitais. De outubro a dezembro de 2020, houve a veiculação de conteúdos informativos referentes ao período eleitoral brasileiro e às desigualdades de gênero, bem como sobre a inserção de pessoas LGBTIA+ no mercado de trabalho na série “Pauta em Foco”, composta por cards informativos para o Instagram (@pautagenero) e com base em temas votados pelo



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

público por meio de enquete nessa plataforma.

As temáticas abordavam as atribuições de cargos políticos em disputa nas eleições, o significado de um plano de governo, como funciona o sistema eleitoral brasileiro e qual a importância do voto, bem como a importância da representatividade e a existência de violências políticas de gênero. O uso do nome social de pessoas trans, seus direitos trabalhistas e a inclusão da comunidade LGBTQIA+ também foram pautados. Entrevistas humanizaram vivências e dificuldades de pessoas trans e travestis no contexto trabalhista formal e apresentaram relatos sobre preconceitos e a inclusão em ambientes de trabalho.

Em 2020, no Instagram, conseguimos uma média de interações com o público em posts que consideramos satisfatória, um alcance de mais de 450 contas, essencialmente de Cuiabá, mas com uma pequena parcela distribuída por outras regiões e estados, com público na faixa de 18 a 44 anos. Em 2023, já são cerca de 2 mil a 3 mil pessoas alcançadas por mês, em média, na plataforma.

Outro conteúdo planejado para a rede foi a série Pautapedia, que buscava compartilhar e apresentar alguns conceitos relacionados a questões de gênero e sexualidade, como “dororidade” (de Vilma Piedade), “patriarcado” e “interseccionalidade”, trazendo-os de forma mais palpável para um público externo à academia. Abordamos produções temáticas relacionadas a datas importantes, como o Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, tanto para dar visibilidade a determinadas temáticas como para instigar o público a pensar sobre relações de poder que as envolvem.

Uma das estratégias para amplificar debates realizados no âmbito do Pauta Gênero, para toda a comunidade, foi a elaboração de análises, publicadas no blog e compartilhadas no Instagram do observatório. A primeira análise divulgada, sobre o caso do menino Miguel, em Recife-PE, teve mais de 100 visualizações. Além deste texto, foram publicados outros 55 textos até dezembro de 2022, produzidos por



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

integrantes do projeto e relacionados a diferentes assuntos ou acontecimentos, como a violência direcionada pelo ex-presidente às jornalistas, o racismo ambiental, a romantização da maternidade, a falta de proteção para a população LGBTIA+, a hipersexualização dos corpos femininos nos esportes, entre outros<sup>17</sup>.

## **TEMATIZAÇÃO DE DESIGUALDADES EM PARCERIA COM RÁDIOS COMUNITÁRIAS**

No processo de convergência radiofônica, produção, distribuição e consumo sofrem processos de mudança, de acordo com os novos hábitos de escuta dos públicos. O rádio, segmento mais representativo na região Centro-Oeste, segundo dados do Atlas da Notícia<sup>18</sup> de 2022, com alcance em todas as microrregiões do estado mato-grossense, passa por um processo de modernização nas redações e iniciativas jornalísticas, possibilitando que conteúdos audiofônicos possam ser veiculados em outros meios de comunicação e plataformas, incluindo as redes sociais, constituindo-se como rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermediático (LOPEZ, 2010).

Mesmo com a continuidade de programas com formatos mais “tradicionais”, baseados na premissa de entretenimento, informação noticiosa ou esportiva, diante da apropriação de tecnologias e outras formas de interação, as redes sociais se tornam grandes aliadas nas rotinas jornalísticas contemporâneas, potencializando a aproximação com o público e gerando um aumento de influência diante da instantaneidade desta relação (KISCHINHEVSKY, 2016). Redes como o WhatsApp auxiliam na produção de conteúdo para a programação radiofônica, através da colaboração de ouvintes e parceiros. Esse processo configura, de acordo com Kischinhevsky (2016), o surgimento de novas formas de distribuição de conteúdo

---

<sup>17</sup> Blog anteriormente disponível em <https://medium.com/pauta-genero> e, desde março de 2023, disponível em <https://pautagenero.wordpress.com>. Acesso em: 20 jul. 2023.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/dados/estatisticas/>. Acesso em: 25 mar. 2023.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

radiofônico. O compartilhamento potencializa a circulação dos conteúdos, que podem ter outras fontes de produção.

Diante disso, há um potencial de reflexão sobre desigualdades de gênero a partir do rádio expandido, e aqui destacamos a coluna “Pauta Gênero em Áudio”, produzida no Observatório de Comunicação e Desigualdade de Gênero, durante 2020, em que a produção de cards informativos no Instagram da série denominada “Pauta em Foco”, comentada na seção anterior, debateu temas como as eleições municipais e a diversidade no mercado de trabalho, cujos conteúdos foram planejados e adaptados para uma coluna radiofônica.

Na produção para áudio, pensamos em uma distribuição estratégica, já que grandes emissoras dificilmente distribuiriam conteúdo crítico sobre desigualdade de gênero e emissoras comunitárias enfrentavam escassez de conteúdos e produtos voltados ao período eleitoral. Assim, tendo em vista suprir essa demanda das rádios comunitárias, vinculamos um conteúdo de interesse público que abordava temas amplos vinculados às eleições, como as funções de cada cargo, com um conteúdo comprometido com a busca por igualdade de gênero e com a visibilidade de violências direcionadas às mulheres candidatas durante o pleito.

Abordamos as atribuições dos cargos municipais, o que são planos de governo, como funciona o sistema eleitoral brasileiro e qual a importância do voto, bem como a importância da representatividade no cenário político e violências políticas de gênero, ainda pautadas por uma divisão sexual do que é espaço público e privado (BIROLI, 2010). Quanto à diversidade no mercado de trabalho, foram abordados o nome social de pessoas trans, direitos trabalhistas e inclusão da comunidade LGBTQIA+. Entrevistas ajudaram a humanizar vivências e dificuldades de pessoas trans no contexto trabalhista formal e a abordar preconceitos no ambiente de trabalho, já que dados<sup>19</sup> revelaram que cerca de 90% das travestis e mulheres

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://exame.com/carreira/onde-estao-os-travestis-e-transexuais/>. Acesso em: 11 fev. 2021.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

transexuais possuem como única fonte de renda o trabalho sexual. Dentre as demais, 6% atuam no mercado informal e somente 4% têm emprego no setor formal.

A disponibilização e circulação da coluna em formato mp3 foi executável a partir de uma parceria firmada com o Comunicast, projeto de extensão em Rádios e Podcast da UFMT, e com rádios comunitárias do estado pertencentes à Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço). A adequação para a linguagem radiofônica consistiu em roteirizar áudios, narrar informações e, após a finalização do processo de produção, distribuir conteúdos para divulgação.

Com variação de dois a três minutos e meio, a distribuição se deu via WhatsApp, em um grupo com as rádios parceiras. Foram 17 colunas enviadas entre 28/10/2020 e 18/12/2020, recebidas por 27 emissoras nas cinco mesorregiões de Mato Grosso e com média de reprodução de 25 emissoras comunitárias por áudio. Como material complementar, eram disponibilizados pequenos textos no formato de legenda, que introduziram o conteúdo dos áudios e a importância de cada temática.

## **OFICINAS PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO**

Diante da necessidade de promover diálogos que se relacionem às desigualdades de gênero em uma perspectiva interseccional, dentre as diversas ações educacionais abertas ao público, foram ofertadas oficinas gratuitas nos anos de 2021 e 2022. Inicialmente, demos destaque e direcionamento a profissionais e estudantes de Comunicação, já que, após a participação no GMMP em 2020, percebemos padronizações e rupturas nas coberturas, de modo que era urgente não apenas focar na análise do que se produz, mas também em intervenções e diálogos com quem produz conteúdo jornalístico.

Levando-se em consideração que o Brasil é um dos países que mais mata mulheres no mundo e que não existe preocupação em abordar as questões de gênero e violência contra a mulher curricularmente nas faculdades de jornalismo, foi



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

realizada, no dia 08 de dezembro de 2021, a oficina “Como noticiar Femicídios”. Ministrada por Nealla Machado, recebeu remotamente pessoas de vários lugares do país, inclusive residentes fora do Brasil, para discutir a importância do jornalismo reflexivo e ativo, voltado para a problemática da violência contra as mulheres na cobertura de feminicídios. A formação contou com reflexões e autocrítica sobre a prática jornalística que pode naturalizar violências, assim como dicas de “boas práticas” para que a atuação das profissionais nas redações seja pautada em compromissos éticos, em busca do interesse público e dos direitos das mulheres. As partilhas durante a oficina reafirmaram as constatações de que a violência contra as mulheres está naturalizada no cotidiano das redações e passa despercebida. É urgente repensar coletivamente a cobertura de feminicídios na imprensa brasileira, com respeito, assertividade e entendendo que essas mortes são causadas pela misoginia e pelo machismo.

Posteriormente, a oficina “Pautas Feministas”, ministrada por Nara Assis e Tássia Becker Alexandre em 06 de julho de 2022, também remotamente, trouxe um debate sobre fontes e pautas jornalísticas, bem como sobre a linguagem utilizada nos processos comunicativos, a representação e a diversidade de gênero desde a pauta. Ela foi direcionada a profissionais, pesquisadores e discentes da área. Com participantes das cinco regiões brasileiras e um público de mais de 30 jornalistas, a constatou-se que essas discussões ainda não estão presentes na formação de muitas faculdades. Além disso, foi importante contextualizar que “pautas feministas” ultrapassam a tematização explícita de demandas dos movimentos feministas, de modo a impactar o próprio processo de concepção do que é notícia, de quem é convocado a falar e de como as rotinas produtivas se estruturam ainda de forma patriarcal, afetando as produções que chegam ao público.

Ambas as oficinas foram fruto de um diagnóstico dos principais problemas encontrados nas análises publicadas no blog do observatório e, com uma proposta



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

de planejamento coletivo, focamos em produções sensíveis às questões de gênero nas mídias jornalísticas, problematizando estereótipos que circulam na produção noticiosa. Com divulgação nas redes sociais e por email para redações e jornalistas, este espaço expôs a situação da imagem das mulheres na mídia, com exemplos positivos (ainda raros) e negativos, a serem evitados. A oficina de 2022 estimulou, no âmbito da prática, a produção de pautas factíveis de Economia, editoria considerada “masculina”, de modo que tivessem uma perspectiva sensível às desigualdades de gênero.

Outra oficina, ofertada no ano de 2022, foi realizada em âmbito presencial e teve como foco o combate à desinformação. Por estarmos novamente em um ano eleitoral, e em uma das eleições mais conturbadas da história do país, foi bastante perceptível o aumento da desinformação e das notícias falsas circulando por meio das redes sociais. Percebemos que *fake news* com maior circulação costumavam promover pânico moral associado a temas sobre gêneros e sexualidades, como também ocorreu em 2018<sup>20</sup>. Assim, buscando mostrar o processo de produção de notícias e condensar dicas para um olhar crítico sobre materiais possivelmente desinformativos, foi direcionada para alunos do Ensino Médio, no início de sua trajetória eleitoral. Intitulada “Jornalismo vs. Desinformação”, a oficina aconteceu no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Octayde Jorge da Silva, dia 27 de outubro de 2022, e foi ministrada por Maryelle Campos e Gabriel Vieira, discentes de Jornalismo da UFMT.

Além dos processos produtivos do jornalismo e de alguns conceitos básicos, ao final foi realizado um exercício prático com o público, composto por docentes e discentes do Ensino Médio, para identificar notícias total ou parcialmente desinformativas, além de dicas de como checar informações recebidas. A

---

20

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/material-que-originou-fake-news-sobre-kit-gay-apareceu-em-2010-entenda.shtml>



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

participação de discentes foi considerável e abriu a possibilidade para que essa oficina pudesse ser replicada em outras escolas com diferentes tipos de público, fazendo-se as adaptações necessárias.

## **CONSIDERAÇÕES**

As experiências do Pauta Gênero foram levadas para eventos internacionais como o V Colóquio Internacional em Investigação Crítica, o XIV Seminário Internacional de Metodologias Transformadoras da Rede Amlat e o Gender and Media International Conference: Challenges of Beijing + 25. Também há forte relação entre os tensionamentos gerados pelo observatório e a construção do E-book “Desigualdades de Gênero e Representações Midiáticas” (COELHO, 2022), já que os capítulos são fruto de discussões articuladas ao projeto de pesquisa “Comunicação, gênero e mídia: representações, construções discursivas e possibilidades cidadãs”, em vigência desde 2021, e provocados por reflexões, observações e dados obtidos durante atividades do Pauta Gênero desde 2020.

Atualmente com participação híbrida (majoritariamente presencial) de integrantes, o Pauta Gênero tem experimentado discussões complexas sobre gêneros, sexualidades e territorialidades, inclusive porque, em 2021, o observatório era composto por pessoas residentes em todas as regiões do Brasil. O projeto tem se tornado referência para falar sobre desigualdades da mídia dentro e fora de Mato Grosso, a partir de entrevistas, das formações ofertadas e do diálogo com instituições públicas e privadas.

Dentre os principais desafios está identificar as melhores estratégias para estabelecer diálogos com uma comunidade ampliada, fora da universidade, sobre desigualdades de gênero e estimular o pensamento crítico sobre a atuação midiática e jornalística em nossa sociedade. Os resultados têm se mostrado positivos, mas acreditamos que a interlocução com mais estudantes, docentes, universidades, coletivos e demais instituições pode colaborar para fortalecer esse propósito.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, T. L. **A construção noticiosa da população LGBTQ+ no jornalismo digital cuiabano**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.
- BIROLI, F. Mulheres e política nas notícias: estereótipos de gênero e competência política. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 90, 2010, pp.45-69.
- BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRUNETTO, L. P. **Uma morte anunciada: a violência contra a mulher na tela do Cadeia Neles**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.
- CRAVEIRO, P. S. U.; TOLEDO, T. de F. Educação para a prática publicitária libertadora: extensão universitária e formação cidadã na graduação em Publicidade. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 42-57, 2023. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v28i1p42-57. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/194805>. Acesso em: 3 jul. 2023.
- COÊLHO, T. F. **Desigualdades de Gênero e Representações Midiáticas**. Cuiabá: Paruna, 2022.
- COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.
- COLLINS, P.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CONNEL, R. **Gênero em termo reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- CORRÊA, L. G. et al. Entre o interacional e o interseccional: Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. **ECO-Pós**, v. 21, n. 3, p. 147-169, 2018.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, n.10, v.1, pp.171-188, 2002.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. Comunicação e gênero no Brasil: discutindo a relação. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, p. 103-138, 2020.
- FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus: Forproex, 2012.
- GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de**



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

OLIVEIRA, N.; RODRIGUES, V. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida**: a narrativa de feminicídios na imprensa brasileira. São Paulo: Drops, 2021.

WACC. Brasil National Report. In: **Global Media Monitoring Project 2020**, 2020a. Disponível em: <https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/1-Relatorio-GMMP-Brasil-portugues-12-07-21-completo-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

WACC. Who makes de news? GMMP 2020-2021 final report. In: **Global Media Monitoring Project 2020**, 2020b. Disponível em: <https://whomakesthenews.org/gmmp-2020-final-reports/>. Acesso em: 20 jul. 2023.